

ALGUMAS NOTAS SOBRE A UNIVERSIDADE DO PORTO E  
A PORBASE

Carlos Pimenta\*

É feita uma análise retrospectiva da actuação da Universidade do Porto no âmbito da Porbase e são expostas as razões fundamentais do empenhamento da U.P. na prossecução do Projecto.

\*Pró-Reitor da Universidade do Porto

**ALGUMA NOTAS  
SOBRE A  
UNIVERSIDADE DO PORTO  
E A  
PORBASE**

Agradeço o convite que me foi endereçado para participar nestas 4<sup>as</sup>. Jornadas PORBASE que se realizam, com muita justiça e orgulho, numa Faculdade e numa Universidade que se têm empenhado profundamente na informatização das bibliotecas, na melhoria da qualidade dos serviços e no sucesso da PORBASE.

É crescente a consciência de que uma biblioteca não é um local de arrumação de livros, revistas e outras publicações, que, de quando em vez são consultados. Ela é, local de gestão da informação. E gerir informação é ter acesso às publicações tradicionais, é reconhecer a actual importância do som e da imagem na transmissão da informação, é substituir a manipulação da informação estatística de livros por disquetes ou acesso às bases de dados, é ter conhecimento das milhares de bases de dados de todo o mundo e encontrar, dentro das limitações financeiras, as melhores formas de lhes aceder. Gerir é também permitir o fácil acesso dos utilizadores a todo esse manancial, é encontrar formas eficazes, simples e adequadas, de encontrar o que se pretende. Nas instituições

universitárias, mas não só, as bibliotecas tendem a transformar-se em infortecas, exigindo um pessoal crescentemente qualificado e com audácia para enfrentar os enormíssimos desafios do futuro.

Não é, pois, de estranhar que vivamos momentos de eufórica actividade de informatização das bibliotecas de toda e qualquer instituição e, no que nos interessa particularmente, das Universidades. Depois de um período de amadurecimento de ideias, de superação dos tribalismos conceptuais próprios de quem tem um saber programar, de adequação, sempre lenta e morosa, do pessoal humano que a diversos níveis lidam com as bibliotecas, de uma difícil guerra de conquista de verbas mínimas para adquirir equipamentos e programas, entramos numa fase de grandes movimentações institucionais, talvez para informatizar, certamente para obter fundos para informatização.

A mínima esperança no altruísmo dos homens e numa atitude racional conducente à conjugação de esforços, à livre circulação da informação, à troca de experiências, ao reconhecimento de que as tarefas são imensas e os recursos -- financeiros, humanos, de tempo -- escassos poder-nos-iam fazer crer que estaríamos nos caminhos conducentes às mais eficazes soluções para o desenvolvimento científico e para a transmissão de conhecimentos. Contudo o altruísmo é do romantismo e a racionalidade choca com os poderes constituídos, com os novos poderes que a informatização traz, com as guerras das grandes marcas de equipamentos e de programas, com os regionalismos inconsequentes.

A Universidade do Porto desde há alguns anos aderiu ao processo de informatização lançado pela Biblioteca Nacional. Não o fez de ânimo leve nem por aceitação passiva das hipóteses de trabalho que aquela

instituição possa emanar. Fizemo-lo porque consideramos que a circulação de informação existente nas bibliotecas tem de ter uma solução a nível nacional, hoje, talvez ontem, europeia e mundial amanhã, talvez hoje. Fizemo-lo porque temos orgulho que a informação existente na nossa Universidade possa ser partilhada a nível nacional e internacional.

Nem tudo o que foi feito nos satisfaz. Não nos satisfaz na actividade da Biblioteca Nacional, no que nós próprios temos feito, no que sabemos ser feito um pouco por todo o País. Contudo temos que ter consciência de que algumas das carências não são da PORBASE mas da produção bibliográfica nacional e de aquisição de livros pelas nossas bibliotecas -- por exemplo, carências bibliográficas acentuadas em certas áreas das chamadas ciências exactas e tecnológicas --, das grandes dificuldades financeiras e humanas com que lutamos, do pouco tempo decorrido desde o início deste processo. Entre todos os participantes da PORBASE tem de haver um profundo sentido crítico e um combate sistemático aos erros, uma aberta troca de opiniões divergentes mas, também, muito melhor aproveitamento dos recursos já existentes e nulo espírito de capela.

Estamos de acordo com os que afirmam que o tratatamento da informação bibliográfica por parte da Universidade tem especificidades, seja pelas características da instituição, seja pelo gosto da diferença que, por vezes, é conveniente reconstituir. Mas essa diferença, a posse da sua base de dados -- mais por localização física e formas de acesso do que por direitos de propriedade próprios -- é perfeitamente conciliável com a plena integração no espaço nacional e internacional. Se existe alguma dificuldade não é técnica mas, pura e simplesmente, financeira e cultural.

Nesta ocasião apenas gostaríamos de salientar as seguintes vertentes sobre a actuação da Universidade do Porto:

a) A dignificação das bibliotecas universitárias e o preenchimento integral das funções que delas se espera passa por serem infortecas utilizando todos os métodos de acesso à informação.

b) As soluções de informatização das bibliotecas e de acesso à informação tem uma base universal. Estamos em Portugal e atrasados. Temos um longo caminho a percorrer que por vezes faz esquecer as dimensões universalistas do projecto, mas sem estas estamos perdidos. Somos, em primeiro, cidadãos e instituições de Portugal, mas também da CEE e do mundo. A riqueza do nosso património cultural e bibliográfico será muito maior quando for acessível a qualquer estudioso colocado em qualquer parte do mundo e seria efémero ou mera vaidade de novo rico se ponto de partida para uma rede de bibliotecas nortenha.

c) Estamos a trabalhar na PORBASE, assim continuaremos. Pretendemos ter uma atitude construtiva. Reconhecemos que no conjunto da Universidade ainda estamos muito atrasados e que é necessário um grande investimento em recursos humanos e financeiros para atingirmos os níveis da gestão da informação minimamente satisfatórios. Esperamos poder continuar a contar com o inestimável apoio da Faculdade de Letras no ensinar o caminho a percorrer

d) Teremos uma atitude activa na congregação de esforços das universidades portuguesas na PORBASE, embora reconheçamos, obviamente, a liberdade de cada uma das instituições para seguir o caminho que considerar mais adequado. Apenas formulamos votos de que o futuro mostre que a ciência e o ensino saíram prestigiados. Numa época em

que os sistemas abertos e a transferência da informação assumem uma crescente importância tudo faremos para que os diversos sistemas implantados encontrem formas de comunicação e de transferência da informação que lhes dê a referida dimensão universalista. Que a interajuda e a cooperação se sobreponham à concorrência.

e) Em toda a actividade a desenvolver procuraremos conjugar o rigor de análise das situações com o pragmatismo. Mais do que projectos e debates de intenções desejamos realidades. Para alcançar o que desejamos necessitamos de realizar um grande esforço de obtenção de recursos financeiros e humanos. A importância da Universidade do Porto na cultura nacional e internacional dá-nos o direito, sempre que possível em cooperação com as restantes universidades portuguesas, para exigir e conquistar. Por isso também veremos com bons olhos uma isenta e rigorosa avaliação da aplicação dos recursos e da produtividade social, não meramente económica, dos investimentos.

E para terminar os tradicionais, mas sinceros, votos de que estas Jornadas rasquem novos horizontes à actividade; que vos deixe a doce amargura do muito que há a fazer, a tranquila inquietude de quem reconhece que os sonhos e vontades são muito maiores que os recursos; a certeza incerta de que conseguiremos muito do que desejamos.

Bom trabalho.